

1

Introdução

O presente trabalho tem como tema o uso de modalidades expressas pelo subjuntivo e pelo infinitivo em orações completivas no português padrão distenso falado no Brasil, ou seja, no português efetivamente falado pela classe escolarizada brasileira e usado pela mídia¹, visando contribuir para o aperfeiçoamento do ensino de Português como Segunda Língua/ Língua Estrangeira (PL2E).

Tendo-se em mente que (i) as Gramáticas Tradicionais (GTs) não fornecem uma exemplificação detalhada a respeito da tipologia dos verbos que demandam o uso do subjuntivo em completivas ou, ao menos, uma explicação funcional de como esse deve ser utilizado nessas estruturas; (ii) que, no Brasil, as regras da língua falada não correspondem exatamente às da língua escrita; (iii) que modalidades expressas pelo subjuntivo podem ser expressas por meio do uso do indicativo ou de estruturas alternativas, como, por exemplo, estruturas com forma verbal no infinitivo, nominalizada e elíptica; e (iv) que, recentemente, tem-se falado da “morte do subjuntivo” (Castro, 1995), buscamos identificar e analisar algumas das modalidades que estão sendo expressas no atual momento em tal variante da Língua Portuguesa.

A principal motivação desta pesquisa é contribuir para o aperfeiçoamento do ensino de Português como Segunda Língua/ Língua Estrangeira (PL2E), e, por esta razão, começamos nossa pesquisa pela verificação de como o uso do subjuntivo é apresentado em livros didáticos de PL2E. Dessa maneira, pudemos ver que uma modalidade comum explorada no material didático selecionado para o ensino do uso do subjuntivo é a relativa à expressão de desejo no presente com as estruturas “quero que”, “espero que” e “desejo que”. Ao perceber que apenas um, dentre quatro livros analisados, continha uma explicação de como se complementar orações com tais

¹ Tal denominação da variante da Língua Portuguesa foi retirada da dissertação de Mestrado de Ebal Filho intitulada “As Diversas formas do pronome interrogativo que : (o) que ((é) (que)) se deve ensinar ao aprendiz de português PL2/E?” de 2007.

verbos no que se refere ao uso de sujeitos não-correferenciais² (sujeito da oração completiva diferente do da oração principal) optamos por focar nesses três verbos. Foco este que foi expandido também para os verbos “recomendo”, “solicito” e “peço”, uma vez que (i) apenas dois dos livros de PL2E analisados apresentaram alguma outra estrutura com verbo diferente dos acima que também demandasse o uso do subjuntivo para expressão de desejo (“peço que”) e (ii) que um consequente estudo de tipologias de verbos que exigem ou permitem o uso do subjuntivo nos fez criar a hipótese de que, em um mesmo grupo de tipos de verbos que permitem o uso do subjuntivo, diferentes comportamentos estruturais podem ser encontrados.

Ademais, o entendimento, adquirido com a leitura da tese de doutorado “A Expressão em Modalidades Típicas do Subjuntivo em Duas Sincronias do Português: Século XVI e Contemporaneidade”, de que modalidades típicas do subjuntivo podem estar sendo expressas também, ou até mesmo de maneira mais frequente, por meio do uso de Estruturas Alternativas (EAs), decidimos também pesquisar que EAs se apresentam em orações completivas regidas por tais verbos e analisar suas regras de uso.

Devido ao foco na linguagem em uso e à busca da sistematização das regras gramaticais de uma determinada variante da Língua Portuguesa falada considerando-se as regras pragmáticas e as estratégias comunicacionais do falante, seguimos os fundamentos teóricos da teoria funcionalista da linguagem, mais especificamente da Gramática Funcional do Discurso (GFD), desenvolvida por Hengeveld (2004). Assim, pode-se realizar a análise de que fatores estruturais estão sendo utilizados, como e por quê, considerando-se a intenção do falante, suas estratégias comunicacionais e a carga semântica do que é enunciado.

² Sujeito correferencial e sujeitos não-correferencial são termos retirados da Gramática de Usos do Português de Moura Neves (2000).

1.1

Relevância

Ao se ensinar uma língua estrangeira, o professor se depara com diversas dúvidas apresentadas por seus alunos para as quais não se encontram respostas em gramáticas ou livros didáticos. Isso acontece, principalmente, quando o aluno vive imerso em um ambiente em que a língua estudada é falada, uma vez que esse está exposto a uma língua que possui regras particulares da fala e que nem sempre vêm descritas em materiais de ensino formal da segunda língua, sejam estes voltados para falantes nativos ou não nativos.

Para suprir a falta de importantes aspectos da língua em uso que podem ajudar o aluno a tornar-se de fato capaz de se comunicar na língua aprendida, tornando o professor capaz de preparar explicações e atividades que supram essa lacuna e munido de conhecimento para sanar dúvidas que sejam apresentadas, a língua falada precisa ser analisada e sistematizada.

O uso do subjuntivo ou do infinitivo em completivas tem como função expressar sentimentos, emoções, desejos, necessidades, pedidos, ordens, julgamentos, proibições, entre outras diversas expressões essenciais para se comunicar cotidianamente na vida em sociedade. Saber como se comunicar de maneira eficaz, compreender os demais e ser compreendido sem mal-entendidos é o que se pretende ao se estudar uma segunda língua.

No que se refere ao uso do subjuntivo ou do infinitivo dependendo da correferencialidade de sujeito, até mesmo Cunha & Cintra (2001), os quais apresentam uma visão tradicional de tal uso do subjuntivo, já mostravam que o uso de infinitivo em caso de sujeitos diferentes na oração principal e na subordinada não é a regra, mas pode ser vista como estrutura alternativa ao uso do subjuntivo. Além disso, tais autores ainda apontam que o uso do subjuntivo pode ser, às vezes, visto como pesado e malsoante, havendo ocasiões em que é conveniente o uso de expressões equivalentes no infinitivo ou gerúndio, ou com substantivos abstratos ou construções elípticas. Saber ensinar quando e como usar cada estrutura é, então, fundamental.

Explicitar para o aluno a questão da importância da não-correferencialidade de sujeitos ao se ensinar o uso do subjuntivo em orações completivas, lembrando-o de usar o infinitivo em caso de correferencialidade de sujeitos, e ajudá-lo a fixar tal conhecimento, facilita o aprendizado. Ademais, conhecer possibilidades de alternativas para a expressão das modalidades auxilia o professor a prever e sanar possíveis dúvidas.

Buscar, então, realizar um estudo sistemático voltado para a descrição da Língua Portuguesa como Primeira Língua (PL1), mas visando o ensino de PL2E, proverá ao professor o conhecimento sobre como as estruturas em questão estão de fato sendo utilizadas pelas classes escolarizadas no discurso cotidiano, real, aceito e utilizado pela mídia, considerando-se valores semânticos e pragmáticos e seus usos em estratégias comunicativas.

1.2

Hipóteses e Objetivos

No presente estudo, considerando-se o padrão distenso no momento atual da língua falada no Brasil, trabalhamos com as seguintes hipóteses a respeito do uso de modalidades típicas do subjuntivo e do infinitivo em orações completivas regidas por verbos não factivos:

- 1) O subjuntivo é utilizado em orações completivas que apresentam sujeito diferente do da oração principal.
- 2) O infinitivo é utilizado em orações completivas que apresentam o mesmo sujeito que a oração principal.
- 3) Verbos que demandam ou permitem o uso do subjuntivo dentro de uma mesma tipologia verbal podem apresentar diferentes comportamentos estruturais.
- 4) Estruturas Alternativas estão sendo mais usadas que as demais estruturas analisadas.

Para que tais hipóteses sejam testadas, temos o seguinte:

Objetivo geral da pesquisa

- 1) Oferecer, a professores de PL2E e demais interessados na área, uma descrição, no que diz respeito ao uso de modalidades do uso do subjuntivo e do infinitivo em orações completivas regidas por verbos não factivos, da língua efetivamente utilizada, na atualidade, pela classe escolarizada brasileira e usada pela mídia

Objetivos específicos da pesquisa

- 1) Realizar uma análise quantitativa que (i) verifique o número de enunciados de uso do subjuntivo e do infinitivo tendo com critério a correferencialidade de sujeitos, (ii) compare a quantidade de incidências de enunciados com tais usos tradicionais com a de uso de EAs e, assim, (iii) provenha resultados que validem a análise qualitativa subsequente.
- 2) Realizar uma análise qualitativa, de acordo com o proposto pela Gramática Funcional do Discurso – GFD, de cada tipo de estrutura diferente encontrada nos dados para sistematizar as regras de uso para expressão das modalidades típicas do subjuntivo e do infinitivo em orações completivas regidas por verbos não factivos no atual momento da Língua Portuguesa distensa falada no Brasil. De maneira que possa se registrar que fatores estruturais estão sendo utilizados para se falar e que significados são expressos por cada tipo de estrutura.

Não se pretende com isso, no entanto, afirmar que a regra prescritiva deva ser ignorada no ensino de línguas estrangeiras, mas sim que tanto o português escrito quanto o falado sejam considerados. Dessa maneira, pode-se evitar que o aluno brasileiro se exponha com o uso de hipercorreções e que o estrangeiro aplique ao uso do subjuntivo na sua fala as regras usadas pelos falantes nativos exclusivamente na

língua formal escrita, sem deixar, porém, de garantir que estes sejam capazes de reconhecer a norma padrão escrita.

1.3

Organização do trabalho

Esse trabalho se apresenta em seis capítulos. Esta introdução consiste no primeiro capítulo. No próximo, apresentaremos diferentes abordagens ao assunto tratado aqui dadas por diferentes livros didáticos de PL2E e gramáticas, tradicionais e de uso, assim como por estudos acerca de tipologia verbal e de uso de EAs para a expressão de modalidades típicas do subjuntivo e do infinitivo. Em seguida, serão estabelecidas as bases teóricas e metodológicas.

No quarto capítulo, realizaremos as análises quantitativa e qualitativa dos dados e apresentaremos seus respectivos resultados. O quinto capítulo finalizará nosso estudo com as considerações finais da totalidade deste.

Ainda contaremos com um sexto capítulo, no qual serão disponibilizadas as referências bibliográficas e, um sétimo, em que teremos os anexos; nestes constarão, respectivamente, os dados utilizados no corpo da análise qualitativa dos dados e, disponibilizados apenas em CD, devido à sua extensão, os utilizados na análise quantitativa dos dados.